

Depois de *Urgente é a Vida*¹ (Editora Record, 2004), Alcione Araújo (1950 –), escritor brasileiro, lançou entretanto o segundo livro de crônicas, *Escritos na Água*. Mantém-se o número de crônicas (65) neste livro, algumas ilustradas, escritas para o jornal *Estado de Minas* ou para as revistas *Argumento* e *Democracia*.

A «Apresentação» que abre o livro, escrita pelo autor, é uma espécie de ‘arte da crônica’ e caracteriza bem o que é este género na actualidade, na era da Internet, como é escrita, como é lida e os matizes pelos quais é constituída. Como o escritor escreve na «Apresentação», as suas crônicas são o resultado da selecção de factos que lhe acontecem durante a semana, recuperados pela memória. Para além disso, a escrita das crônicas é também o resultado de constricções, como a necessidade de enviar o texto todas as semanas até às 18h de sexta-feira e não poder ultrapassar as 55 linhas de escrita. O cronista vê-se assim como

uma espécie de artesão, seu trabalho – que tem tamanho, data e hora de entrega –, sempre responde a uma decisão, embora fique melhor quando nasce também de uma necessidade. Sua limitação é o curto tempo para elaborar o texto – que parece encolher à medida que cresce o tempo como cronista –, o que o empurra para a improvisação, ficando, de um momento para o outro, a mercê do imprevisível, que pode arrastá-lo da mais inspirada iluminação à banalidade, ou mesmo negligência (Araújo, 2006: 5-6).

Este livro de crônicas é, pois, um fragmento de vivências do autor, do que o circunda, estabelecendo uma relação de afecto com o leitor, que aumentou neste volume em relação a *Urgente é a Vida*, levando-o a afirmar: «minhas crônicas são todas verdadeiras, apesar da *boutade* que afirma ser toda ficção um fato real – apenas alguns ainda não tiveram oportunidade de acontecer» (ibid.: 7).

¹ De que fizemos referência no artigo «O quotidiano brasileiro na crônica contemporânea: João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo», *forma breve* 3 (2005) 321-334.

A razão do título do livro, que é também o título de uma das últimas crónicas, explica-a o autor ao concluir a «Apresentação»: *Escritos na Água* tenta ilustrar a efemeridade da crónica. Se a crónica pode ser efémera, por um lado, a compilação em livro liberta-a, em parte, desse destino, por outro lado, as experiências e as reflexões que desencadeia no leitor transcendem o efémero.

A temática de *Escritos na Água* é variada. Os episódios que o autor vai descrevendo mostram reflexões sobre a vida, sobre a arte, sobre a leitura, sobre a condição humana; uma resposta à mensagem de um leitor que lhe pede conselho; o descaso pela educação no seu país; a descrição das suas viagens (no país, a Portugal, a Moscovo); a crítica à burocracia; a importância da amizade; a imagem da mulher; a descrição dos conhecidos do autor ou de desconhecidos que observa na rua; o isolamento; o medo; a esperança; as várias vertentes da arte (música, literatura); as conversas quotidianas que ouve por sítios em que passa; a importância do olhar; as insondáveis razões do amor, etc. Alcione Araújo também cita vários autores como Carlos Drummond de Andrade e fala do seu afecto por Fernando Sabino.

Percebemos, igualmente, humor em algumas crónicas. É o caso da crónica «Dona Alcione» em que o cronista fala das ambiguidades de sexo que o seu nome provoca, passando muitas vezes por mulher, quando as pessoas têm apenas em consideração o nome. É ainda o exemplo de humor «Ligações perigosas», em que se ilustra a distorção de uma mensagem oral ao ser reproduzida de interlocutor em interlocutor.

O autor aparece mais despido neste segundo livro de crónicas, em relação ao primeiro. Partilha com o leitor reflexões pessoais, descreve como passa datas significativas como o Natal e a passagem de ano, por exemplo.

Destaque-se as crónicas em que fala da sua vinda a Portugal («Diário da corte», da I à IV). Nestas crónicas, seguimos pelos olhos do autor por cidades como Coimbra, Lisboa e Porto. A visão é positiva e elogiosa, numa comunhão que o cronista exprime entre África- Brasil-Europa, muito devido ao elo da Língua Portuguesa.

São várias as reflexões filosóficas que o autor vai fazendo ao longo dos textos, como: «viver é ter dúvidas» (ibid.: 20); «Hoje ser gentil é muito perigoso» (ibid.: 52); «Obra completa reúne as criações do mesmo autor; obra de vários autores jamais se completa» (ibid.: 69); «o amor é transcendental – floresce livre na atmosfera rarefeita e misteriosa dos nossos recônditos» (ibid.: 75); «Como a poesia, o olhar diz o indizível e dispensa o verso» (ibid.: 199).

De facto, os objectivos enunciados na «Apresentação», pelo escritor, parecem ter sido atingidos em *Escritos na Água*. As crónicas revelam-se «fonte de prazer, de emoção, distração» e sobretudo «vislumbre de reflexão» para o leitor.